



UM DESENHO, UMA LETRA... UMA (OUTRA) QUESTÃO SOBRE A ESCRITA  
(A DRAWING, A LETTER... (ANOTHER) QUESTION ABOUT WRITING)

Zelma Regina BOSCO (Universidade Estadual de Campinas)

*ABSTRACT: This paper proposes some reflections on the constitution of child writing from a interactive perspective developed in Lemos (1992). We assume that some of our discussions on a reciprocal movement of drawings into letters (Bosco, 1999) are extensive to our recent hypothesis on the writing of child own name.*

*KEYWORDS: Language Acquisition; Writing; Significant.*

## 0. Introdução

Neste trabalho pretende-se refletir sobre a constituição da escrita infantil na qual se insere a escrita do próprio nome. Visando avançar nas questões da aquisição da linguagem escrita que tradicionalmente têm sido explicitadas dentro de uma perspectiva teórica apoiada na Psicologia do Desenvolvimento, propomo-nos partir da ótica interacionista proposta inicialmente por Lemos (1992).

O objetivo deste trabalho é aprofundar certas questões levantadas em Bosco (1999) e expandir nossa hipótese sobre as relações entre desenho e escrita. A escrita do nome da criança serviu de *locus* privilegiado em nossas discussões sobre os movimentos que se dão entre desenhos e letras. É sobre essa escrita que nos deteremos nesse momento.

## 1. Um olhar sobre o desenho e a escrita

Em Bosco (1999), buscamos refletir sobre aquela escrita infantil que se caracteriza por realizações gráficas que não apontam para uma relação (de fonetização) com a oralidade. São traços que, em princípio, são reconhecidos pela criança ora como desenho, ora como escrita ou até mesmo número.

Nesse trabalho, privilegiamos os deslizamentos entre desenho e letra, embora tenhamos apontado movimentos que se dão entre letras e também entre letras e números. Baseando nossas reflexões em produções pré-escolares de crianças na faixa etária entre 3 e 5 anos, reconhecemos a possibilidade de a letra advir do desenho por um processo que se dá como efeito do trabalho do significante. Por essa via, tomamos os processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança em aquisição de linguagem, tal como proposto em Lemos (1992).



Buscando situar esse trabalho, trazemos a produção de Giulianna (4;0) apresentada em Bosco (1999). Quando enfeitava um envelope que levaria para casa as atividades desenvolvidas na pré-escola durante o bimestre, ao realizar um detalhe de seu trabalho, Giulianna traçou uma linha que servia de base para sua montanha (Anexo, G-21, seta 1). Os traços de sua montanha convocam a letra “B” (G-21, seta 2) que, retroagindo, se articula com o primeiro, levando a criança a reconhecer em seus traços “a letra da nossa família” - BOSCO -, como assim a identificava Giulianna. Na continuidade do movimento, Giulianna vai preenchendo o envelope com a letra “B” (G-21, seta 3), a qual havia começado a grafar juntamente com os outros traços que compõem seu trabalho.

Para que os traços que se configuraram como desenho de uma montanha numa determinada cena, viessem a se constituir como letra “B”, foi preciso que sua natureza de desenho se esvaziasse, se perdesse. Como significante, despido de laços com o sentido, foi possível que uma nova significação nele se projetasse, deslocando aquele traço da figura de uma montanha para a escrita da letra “B”.

Considerando esse e outros episódios analisados, apontamos a possibilidade de o desenho revelar a letra. Nos deslizamentos que se dão entre desenhos e letras, identificamos um mesmo movimento se repete: os traços do desenho, funcionando como um “já-dito”, possibilitam a instalação de um processo associativo que vai alçar da rede de letras em que a criança circula, as letras, especialmente aquelas que compõem o nome dela. Desenho e letra, como significantes esvaziados de sentido, superpõem-se e recobrem-se em um processo de entrecimento.

A condensação, pela superposição e pelo entrecimento de significantes, dá lugar à metáfora, que faz emergir efeitos de semelhança entre os traços do desenho e da letra. Como significantes, seus traços entrecem-se e, num movimento metonímico, deslocam-se, emergindo em uma outra cena que o sustentará como desenho ou letra. Nesses deslizamentos operados pela via do traço, uma forma gráfica leva à outra, estabelecendo-se novas relações e novas redes de significantes.

Note-se que o movimento entre o desenho da montanha e a letra “B” no episódio analisado acima não se faz entre uma letra e algum objeto do mundo a partir do qual fosse possível estabelecer alguma relação sonora com o seu nome; mas entre traços que, de alguma forma, se revelaram heterogêneos em relação à série que compõem e promoveram a atividade associativa, colocando-os como significantes em conexão. Não há, pois, relação entre letra e fonema na cadeia associativa que se estabelece.

Nesse sentido, os traços do desenho evocariam os traços da letra e vice-versa, que, articulando-se e entrecendo-se, propiciariam a condensação que daria lugar à metáfora. No deslocamento entre desenho e letra, algo se perde - o sentido. Esta perda se faz por um apagamento que deixa vestígios. Este apagamento permitiria sua leitura “ao pé da letra” que, por sua vez, possibilitaria a substituição (parcial) de significantes, com base na contigüidade que pode ser equiparada à metonímia.

Por essa perspectiva, reconhecemos a possibilidade de interpretar as formas gráficas que constituem a escrita infantil como regulada por regras próprias, pelo jogo de significantes, que não se submete a uma regulação pela via do significado.



Dos textos infantis analisados em Bosco (1999), ocupamo-nos de um tipo específico de escrita: a do nome da criança. Essa escrita, desde então, configurou-se como lugar de indagação para nós, merecedora de uma investigação mais detalhada, justamente pelo desdobramento que terá na constituição da escrita infantil. Neste trabalho, pretendemos avançar nessa direção.

## 2. Sobre a escrita do próprio nome

A produção escrita infantil que priorizamos em Bosco (1999) reflete a constituição da forma escrita do próprio nome. Essa prioridade deveu-se ao fato de ser este praticamente o único texto que essas crianças escreviam sozinhas nas salas iniciais da pré-escola. Sabe-se, também, que é grande a expectativa em torno da escrita do próprio nome pela criança, que significa, aos olhos dos pais e da escola, o primeiro triunfo da criança nas letras. Por isso, grande ênfase é colocada pela escola em busca de viabilizar sua escrita, como pudemos verificar na pré-escola observada.

Na sala de aula, um painel com os nomes de todas as crianças ao lado de suas respectivas fotografias é fixado para poder ser contemplado por elas e funcionar como “banco de dados” para a escrita de seu próprio nome e dos amigos. Um cartão individual com o nome escrito é fornecido a cada criança e sempre está acessível a ela. Além disso, todo o material escolar tem o nome da criança grafado.

Nas atividades escolares diárias, cada dia uma criança tem o seu nome escrito pela professora na lousa, durante a brincadeira de escolha do ajudante da professora naquele dia. O nome do ajudante escolhido tem suas letras identificadas e contadas uma a uma e, muitas vezes, a quantidade de letras desse nome é revelada pela professora como “pista” para a descoberta do ajudante escolhido.

A medida em que a descoberta do nome desse ajudante se torna fácil para as crianças, a professora, buscando prolongar essa brincadeira, embaralha as letras desse nome na lousa e as dispõe não linearmente. Nesse momento, as semelhanças e diferenças dessas letras com outras de outros nomes de crianças são identificadas pela professora. Além dessas atividades que dão destaque ao nome, ao final das produções escolares realizadas pela criança é solicitado a ela que escreva o seu próprio nome.

É nesse contexto que a forma escrita do nome vai se constituindo. Os traços rabiscados sobre o papel, aos poucos, vão ganhando corpo e forma até o surgimento de letras que pertencem ao nome da criança. O jogo de letras que é escrito pela criança atendendo ao pedido da professora para que se identifique em seus trabalhos não é estável: a quantidade de seus termos, sua posição na série escrita e sua linearidade na folha de papel vão tendo sua estabilidade alcançada aos poucos.

Ao mesmo tempo em que as letras do nome da criança ganham corpo e forma, essas mesmas letras são os significantes que irão compor outros textos solicitados. Para pontuar nossa reflexão, trazemos Renan (4;0) que, como a maioria das crianças que observamos em sala de aula do final do ano letivo do 2º. Maternal, escreve o texto da receita de bolo ditada pela professora com as letras de seu nome (Anexo, Fig. R-1).



Retornou às atividades escolares no Jardim já escrevendo palavras e pequenos textos, fazendo-nos supor um trabalho de fonetização em sua escrita. Em uma atividade realizada no início do 1º bimestre, atendendo à solicitação de que nomeasse por escrito o desenho realizado, Renan escreveu “PICINA”. No final desse mesmo bimestre, em atividades semelhantes, essa mesma criança escreveu “LAGATO” e “GABUTI”.

Com exceção da ausência da letra “S” em “piscina”, da letra “R” fechando a segunda sílaba em “lagarto” e a troca da letra “J” por “G” em “jabuti”, fatos que se dão com frequência em escrita pré-escolar, poderíamos reconhecer indícios claros de fonetização na escrita de Renan.

Esses indícios poderiam ser confirmados com a escrita do cartão do dia das mães. Nele podemos ler:

EUAMOANELLY (Eu amo a Nelly)

FELIDIADA (Feliz dia da)

MEE BGO (mãe beijo)

Mas, em uma outra atividade realizada posteriormente - duas semanas depois - atendendo à solicitação da professora para que ele desenhasse e escrevesse o nome da brincadeira que ele mais gostou naquele dia, Renan respondeu “bola na colher”, assim grafado:

BOLANA

RNAN

ANAN

Nesta produção escrita, e em outras realizadas posteriormente, notamos blocos compostos de letras de seu nome entrelaçando-se com palavras grafadas dentro daquilo que se espera como escrita “correta” - BOLA e NA - colocando em questão a possível homogeneidade do processo de fonetização em jogo em sua escrita.

Note-se que na última atividade do semestre escolar, atendendo ao pedido da professora para que confeccionasse placas com os nomes dos produtos que seriam vendidos nas barracas de festa junina desenhadas por ele, Renan nomeou-as como sendo de “cachorro quente”, “milho” e “sorvete”, escrevendo, respectivamente, “REANA”, “PANA” e “RAFA”.

Nestas escritas não podemos observar traços de fonetização pontuando sua escrita, mas verificamos que, apesar de grafar “corretamente” alguns fragmentos dos textos que escreve, em outros ocorre um aparente retrocesso, com as letras de seu nome, ou que se assemelham graficamente a elas - tais como N e M, R e P, E e F -,



entrelaçando-se com fragmentos de palavras ou ocupando toda a escrita do texto solicitado.

Algumas questões podem ser colocadas: como explicar esses progressos e retrocessos na escrita de Renan baseando-nos em sua capacidade de percepção das partes, a partir do estabelecimento de uma relação entre oral e escrito? É possível explicar a heterogeneidade da escrita de Renan em termos de conhecimento adquirido pela criança? E por que as letras do próprio nome retornam como se fossem parte de um tesouro de significantes que se prestam à escrita de todo e qualquer texto?

Mota também observou as letras do nome da criança, articulando-se de forma variada, compondo textos produzidos por uma criança. Segundo a autora, a insistência dessas letras, como significantes que foram fornecidos pela professora à criança, “marcarão, de modo especial, o acesso dessa criança à escrita” (Mota, 1995:144). Esses significantes, ao serem postos em relação com outros, provenientes da leitura de outros textos, ressignificam a escrita da criança, colocando “as letras de seu nome em novas relações, introduzindo-se entre elas” (op.cit.:147).

Processo semelhante foi identificado por nós na relação entre desenho e escrita acima delineado. Por isso, acreditamos poder avançar teoricamente nessas reflexões, retomando o percurso iniciado em Bosco (1999). Dando continuidade ao nosso trabalho, propomos verificar qual o estatuto da escrita do próprio nome, em sua relação com o desenho, na constituição da escrita infantil.

**RESUMO:** Esse trabalho propõe-se a refletir sobre a constituição da escrita infantil a partir da perspectiva interacionista desenvolvida por Lemos (1992). Assumimos que nossas discussões sobre os movimentos entre desenhos e letras e reciprocamente (Bosco, 1999) são extensivas a nossa hipótese sobre a escrita do próprio nome pela criança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição de Linguagem; Escrita; Significante.

#### ANEXOS

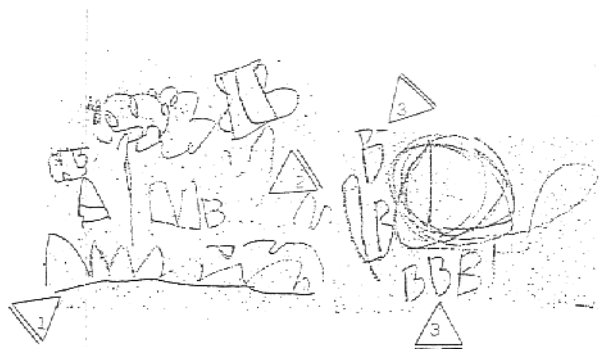


Fig. G-21

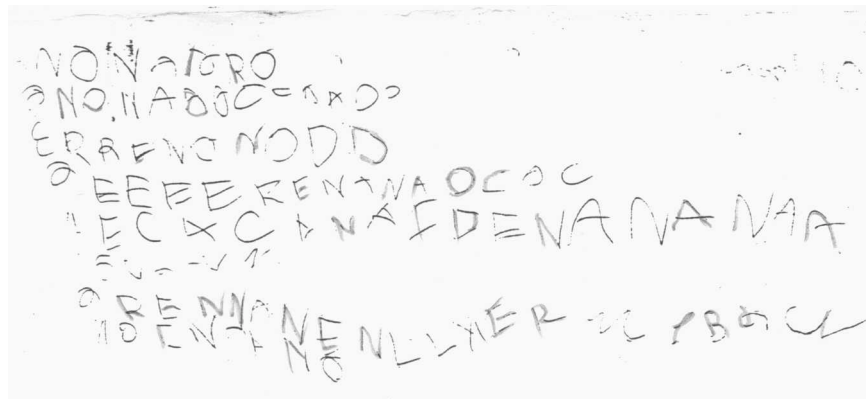


Fig. R-1

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSCO, Zelma Regina. *No jogo dos significantes, a infância da letra*. Dissertação de Mestrado IEL/UNICAMP. 1999.
- LE MOS, C. T. G. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. *Substratum*. V.1, n.1, p. 121-135. 1992.
- MOTA, Sônia B. V. *O quebra cabeça: a instância da letra na aquisição da escrita*. Tese de Doutorado PUCSP. 1995